



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CENTRO DE CIÊNCIAS INTEGRADAS
COLEGIADO DE HISTÓRIA

JOELMA SILVA SANTOS

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO PROCESSO DE RECONSTRUÇÃO ESCOLAR NO
PÓS-PANDEMIA: O CASO DO COLÉGIO CAMPOS BRASIL, EM ARAGUAÍNA/TO
(2021–2025)

ARAGUAÍNA/TO

2026

JOELMA SILVA SANTOS

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO PROCESSO DE RECONSTRUÇÃO ESCOLAR NO
PÓS-PANDEMIA: O CASO DO COLÉGIO CAMPOS BRASIL, EM ARAGUAÍNA/TO
(2021-2025)

Trabalho de conclusão de curso na modalidade artigo científico apresentado à Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Centro de Ciências Integradas-Campus Araguaína, para obtenção do título de licenciada em História

Orientadora: Prof^a, Dr^a. **Marina Grigorio Barbosa de Sousa.**

ARAGUAÍNA/TO

2026

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) - preencher junto à solicitação do Repositório Institucional após a defesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Geração de Ficha Catalográfica SGFC-UFNT

Gerado automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S237p Santos, Joelma Silva.

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO PROCESSO DE RECONSTRUÇÃO ESCOLAR NO PÓS-PANDEMIA: O CASO DO COLÉGIO CAMPOS BRASIL, EM ARAGUAÍNA/TO (2021-2025) / Joelma Silva Santos. - Centro de Ciências Integradas - CCI, TO, 2026. 34 f.

Artigo de Graduação (Graduação - em História) -- Universidade Federal do Norte do Tocantins, 2026.

Orientadora: Marina Grigorio Barbosa de Sousa.

1. Desigualdades educacionais. 2. Ensino remoto emergencial. 3. Pós-pandemia.

CDD 901

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizada desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.


JOELMA SILVA SANTOS

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO PROCESSO DE RECONSTRUÇÃO ESCOLAR NO
PÓS-PANDEMIA: O CASO DO COLÉGIO CAMPOS BRASIL, EM
ARAGUAÍNA/TO (2021-2025)**

Trabalho de conclusão de curso na modalidade artigo científico apresentado à Universidade Federal do Norte do Tocantins, Centro de Ciências Integradas, Colegiado de História. Foi avaliado(a) para obtenção do título de licenciada em História e aprovado em sua versão final pela orientadora e pela banca examinadora.


Aprovado em: 06 de fevereiro de 2026.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **MARINA GRIGORIO BARBOSA DE SOUSA**
Data: 01/05/2026 20:46:46-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª. Drª. **Marina Grigorio Barbosa de Sousa** – Orientadora
Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT

Prof. Dr. **Luciano Galdino da Silva** – 1º Examinador
Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT

Documento assinado digitalmente
 **ROSARIA HELENA RUIZ NAKASHIMA**
Data: 16/06/2026 09:35:02-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª. Drª. **Rosária Helena Ruiz Nakashima** – 2º Examinadora
Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT

Aos meus pais, que nunca tiveram muitas oportunidades,
mas sempre me disseram: “*vai lá que a gente dá um
jeito*”.

Esta conquista é nossa!

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não é apenas meu, ele é feito de encontros, afetos e mãos estendidas ao longo do caminho. Tenho amigos que foram fundamentais nesse processo, alguns desde a época da escola e outros que a vida generosamente colocou em minha trajetória, que sempre acreditaram em mim e nunca me deixaram esquecer dos meus sonhos. Mesmo a quilômetros de distância, vocês estavam presentes, e por isso sou imensamente grata.

Aos amigos que a vida acadêmica me presenteou durante essa caminhada, vocês foram colo nos dias difíceis, ombro para chorar e família quando a minha estava distante. Em muitos momentos, foi o motivo para eu permanecer. Vocês foram, sem dúvida, minha maior política de permanência, obrigada por estarem aqui, por ficarem.

Agradeço à Universidade Federal do Norte do Tocantins, e a todo o colegiado do curso de História. À pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Comunitários, pela concessão do Programa Institucional de Bolsas de Extensão Cultura e Assuntos Comunitários (PIBEX-NORTE), coordenado pelo professor Dimas José Batista, a quem estendo meus agradecimentos. Ao Colégio Estadual Campos Brasil, pelo acolhimento e colaboração que tornaram possível este trabalho.

Dedico este trabalho ao meu pai, Antônio (in memoriam), homem inteligente e generoso, que me ensinou a ler, lutou para concluir o ensino médio e fez questão de me ensinar, todos os dias, o valor dos estudos. Sua ausência dói, mas seus ensinamentos permanecem vivos em mim. À minha mãe, mulher forte, que não teve grandes oportunidades, mas que, mesmo sem ter concluído os estudos, nunca me deixou desistir dos meus, seu apoio foi sustento nos momentos mais difíceis. Aos meus irmãos, meus primeiros alunos, que sempre comemoraram em voz alta cada conquista minha.

Ao meu companheiro de vida, que conheci graças à faculdade e que me ensinou que a graduação também pode ser leve. Obrigada por caminhar ao meu lado, por me ensinar a aproveitar os momentos, por acreditar em mim e por sempre me incentivar a voar mais alto. À minha querida orientadora, Prof^a, Dr^a. Marina Grigorio Barbosa de Sousa, que acolheu aquela menina empolgada anos atrás e permaneceu ao seu lado até o fim. Sua confiança foi essencial para que este trabalho existisse.

RESUMO

Este estudo buscou analisar as práticas pedagógicas desenvolvidas em uma escola pública durante a Pandemia da Covid-19, com foco na adoção do ensino remoto emergencial e nos processos de reorganização escolar no período pós-pandêmico. A pesquisa foi realizada no Colégio Estadual Campos Brasil, localizado no município de Araguaína-TO, contendo o recorte temporal de 2021 a 2025. O objetivo geral consistiu em analisar os impactos do ensino remoto emergencial no processo de ensino-aprendizagem, bem como compreender as estratégias adotadas pela escola no retorno às atividades presenciais, especialmente no que se refere à reconstrução dos vínculos pedagógicos e afetivos. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, caracterizada como estudo de caso, que utilizou entrevistas com professores e grupo focal com estudantes do Ensino Médio como principais procedimentos de coleta de dados. Os resultados evidenciam que o período pandêmico aprofundou desigualdades educacionais, fragilizou a mediação pedagógica e produziu lacunas de aprendizagem, cujos efeitos permanecem no contexto pós-pandemia. Ao mesmo tempo, destacam-se as estratégias de acolhimento, reorganização das práticas pedagógicas e fortalecimento dos vínculos escolares como elementos centrais no enfrentamento dos desafios impostos à escola pública.

Palavras-chave: Desigualdades educacionais; Ensino remoto emergencial; Pós-pandemia; Mediação pedagógica; Pandemia da Covid-19.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the pedagogical practices developed in a public school during the COVID-19 pandemic, with a focus on the adoption of emergency remote teaching and on the processes of school reorganization in the post-pandemic period. The research was conducted at Colégio Estadual Campos Brasil, located in the municipality of Araguaína, state of Tocantins, Brazil, covering the period from 2021 to 2025. The general objective was to analyze the impacts of emergency remote teaching on the teaching-learning process, as well as to understand the strategies adopted by the school upon the return to in-person activities, especially with regard to the reconstruction of pedagogical and affective bonds. Methodologically, this is a qualitative study, characterized as a case study, which used interviews with teachers and focus groups with high school students as the main data collection procedures. The results show that the pandemic period intensified educational inequalities, weakened pedagogical mediation, and produced learning gaps whose effects persist in the post-pandemic context. At the same time, strategies of welcoming, reorganization of pedagogical practices, and strengthening of school bonds stand out as central elements in coping with the challenges faced by public schools.

Keywords: Educational inequalities; Emergency remote teaching; Post-pandemic; Pedagogical mediation; COVID-19 pandemic.

LISTA DE IMAGENS E FOTOGRAFIAS

IMAGEM 01 - Fachada do Colégio Campos Brasil, em Araguaína/TO	16
IMAGEM 02 - Prática pedagógica presencial com turma do Ensino Médio no contexto pós-pandemia	23
IMAGEM 03 - Momento formativo com o estudante participante do Programa Jovens Embaixadores, edição 2024	27

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. Educação Básica e Pandemia da COVID-19: Contexto, desafios e desigualdades	13
2. Colégio Campos Brasil em Araguaína/TO: Território, periferia e contexto escolar	15
3. Práticas Pedagógicas no contexto Pandêmico e Pós-Pandemia	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
FONTES CONSULTADAS	28
REFERÊNCIAS	28
ANEXOS	31

INTRODUÇÃO

A pandemia da Covid-19 provocou a suspensão das aulas presenciais e a adoção do ensino remoto emergencial, evidenciando limitações estruturais, pedagógicas e tecnológicas que impactaram diretamente a educação, especialmente nas escolas públicas inseridas em contextos de vulnerabilidade social. No período pós-pandemia, o retorno às atividades presenciais revelou os efeitos desse processo, expressos em dificuldades de aprendizagem, fragilização dos vínculos pedagógicos e intensificação do trabalho docente.

Nesse cenário, reafirma-se a função social da escola, conforme estabelecido pela Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, que define a educação como direito de todos e dever do Estado e da família, orientada para o pleno desenvolvimento da pessoa, o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) também reforça esse compromisso ao defender uma educação integral, especialmente relevante em contextos marcados por profundas desigualdades sociais.

No município de Araguaína, no estado do Tocantins, o Colégio Estadual Campos Brasil constitui um exemplo concreto desses desafios. Localizada no bairro de Fátima, área periférica da cidade, a escola atende estudantes do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, enfrentando limitações estruturais que foram agravadas durante e após a pandemia. Entre as dificuldades identificadas destacam-se a rotatividade docente, o atraso no processo de aprendizagem e a necessidade de reconstrução dos vínculos entre professores, estudantes e comunidade escolar. O Atendimento Educacional Especializado (AEE) também foi impactado, exigindo adaptações nas práticas pedagógicas para garantir a acessibilidade, a permanência e o direito à educação dos estudantes público-alvo da educação especial.

O interesse em compreender essa realidade surgiu a partir da experiência da pesquisadora no Programa Institucional de Bolsas de Extensão Cultura e Assuntos Comunitários, PIBEX-Norte, desenvolvido em escolas inseridas em contextos socioeducacionais distintos, bem como nos estágios supervisionados realizados no Ensino Médio, que possibilitaram o acompanhamento direto das práticas pedagógicas e dos processos de reconstrução dos vínculos escolares no período pós-pandemia.

O diferencial desta pesquisa reside na análise das transformações pedagógicas em uma escola pública localizada em área periférica de um município do interior do país, articulando as dimensões pedagógica e social do processo educativo. Diferentemente de estudos centrados exclusivamente em análises quantitativas ou realizados em instituições com maior

infraestrutura, este trabalho busca compreender o papel social da escola pública na formação dos estudantes em contextos de vulnerabilidade social.

Diante disso, o problema que orienta este artigo consiste em compreender de que maneira as práticas pedagógicas do Colégio Estadual Campos Brasil se transformaram no período pós-pandemia e quais impactos essas transformações tiveram na formação dos estudantes. O objetivo geral é analisar as práticas pedagógicas desenvolvidas após a pandemia da Covid-19, bem como compreender o processo de reconstrução dos vínculos pedagógicos e afetivos entre escola, estudantes e comunidade escolar.

A relevância deste estudo reside na contribuição para o debate sobre o papel da escola pública no processo de reconstrução educacional e emocional no contexto pós-pandemia, conferindo visibilidade às estratégias desenvolvidas pela instituição escolar diante dos desafios impostos por esse período e reafirmando sua importância como espaço de formação integral e de promoção da inclusão social.

O percurso metodológico envolveu a realização de entrevistas com professores e a organização de um grupo focal com estudantes do segundo ano do Ensino Médio, como estratégia de escuta e diálogo no âmbito da pesquisa qualitativa. As entrevistas permitiram acessar trajetórias, percepções e experiências docentes, enquanto o grupo focal possibilitou compreender sentidos construídos coletivamente a partir das interações entre os estudantes. Conforme destaca Bernardete Angelina Gatti (2005), essa técnica favorece a emergência de consensos, divergências e contradições, tornando visíveis aspectos menos usuais ou mais tensionados da realidade investigada. A utilização de fontes orais também dialoga com as contribuições de Alessandro Portelli (1997), ao valorizar os significados atribuídos pelos sujeitos às suas vivências no processo educativo.

Dessa forma, o artigo está organizado em três seções. A primeira, “Educação Básica e Pandemia da COVID-19: contexto, desafios e desigualdades”, apresenta uma contextualização da pandemia no campo da educação básica, discutindo os impactos do ensino remoto emergencial e o aprofundamento das desigualdades educacionais. A segunda seção, “Colégio Campos Brasil em Araguaína/TO: território, periferia e contexto escolar”, dedica-se à caracterização da instituição, analisando sua inserção territorial, o perfil da comunidade escolar e os desafios estruturais e sociais enfrentados. Por fim, a terceira seção, “Práticas Pedagógicas no contexto pandêmico e pós-pandemia”, analisa as estratégias pedagógicas adotadas durante o ensino remoto e no retorno às aulas presenciais, bem como interpreta os dados produzidos a partir das entrevistas com professores e do grupo focal realizado com estudantes.

1. Educação Básica e Pandemia da COVID-19: Contexto, desafios e desigualdades

As reflexões apresentadas na introdução deste trabalho evidenciam que a pandemia da Covid-19 não representou apenas uma crise sanitária, mas também um marco de profundas transformações sociais, econômicas e educacionais. No campo da educação, seus efeitos incidiram de maneira particularmente intensa sobre a educação básica, espaço historicamente atravessado por desigualdades estruturais que foram agravadas no contexto pandêmico.

Diante da suspensão das aulas presenciais como medida de contenção da disseminação do vírus, as redes de ensino foram compelidas a reorganizar, de forma emergencial, os processos de ensino-aprendizagem, adotando estratégias não presenciais como alternativa para garantir a continuidade do ano letivo. Esse cenário colocou em evidência limites institucionais, pedagógicos e tecnológicos, sobretudo no âmbito da escola pública, onde as condições materiais de estudantes e professores já se encontravam marcadas por precariedades anteriores à pandemia.

Assim, analisar os impactos da pandemia da Covid-19 na educação básica implica compreender como o ensino remoto emergencial foi implementado, quais desigualdades foram aprofundadas nesse processo e de que maneira essas transformações incidiram sobre o trabalho docente e as condições de aprendizagem dos estudantes. É a partir dessa perspectiva que este capítulo se dedica a discutir o contexto educacional pandêmico, com ênfase na escola pública, nos desafios impostos pelo ensino remoto emergencial e nas desigualdades educacionais intensificadas nesse período.

Com o avanço da pandemia da Covid-19, as redes de ensino brasileiras suspenderam as atividades presenciais como medida de contenção sanitária, reorganizando calendários escolares e adotando estratégias emergenciais de ensino. Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), grande parte das escolas da educação básica passou a utilizar modalidades não presenciais de ensino ao longo dos anos de 2020 e 2021, o que exigiu adaptações pedagógicas e administrativas em caráter excepcional.

Ainda que adotadas como solução temporária, essas estratégias buscaram assegurar o direito à educação, previsto na Constituição Federal de 1988 e regulamentado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996), que garante o acesso e a permanência dos estudantes na escola. No entanto, a transição abrupta para o ensino remoto ocorreu sem planejamento prévio adequado, evidenciando limitações estruturais das redes públicas de ensino.

É importante destacar que o ensino remoto emergencial não se confunde com a educação a distância (EaD). Diferentemente da EaD, que pressupõe planejamento pedagógico específico, formação docente e infraestrutura tecnológica adequada, o ensino remoto emergencial caracterizou-se como uma resposta provisória a uma situação de crise. Na prática, muitas escolas recorreram à distribuição de materiais impressos e ao uso de aplicativos de mensagens instantâneas, como o WhatsApp, como principais meios de comunicação pedagógica, revelando os limites das estratégias adotadas frente às desigualdades de acesso às tecnologias digitais.

A adoção do ensino remoto emergencial evidenciou e aprofundou desigualdades educacionais historicamente presentes no sistema educacional brasileiro, especialmente no contexto da escola pública. Desigualdades sociais, econômicas, territoriais e digitais condicionaram de forma significativa o acesso dos estudantes às atividades pedagógicas durante o período pandêmico, comprometendo a continuidade e a qualidade do processo de aprendizagem.

De acordo com Silva, Oliveira e Quiroga (2022), embora o ensino remoto tenha possibilitado a manutenção do vínculo escolar, sua implementação ocorreu em um contexto de intensa vulnerabilidade social, característico da realidade de grande parte dos estudantes da rede pública. A ausência de equipamentos tecnológicos adequados, o acesso limitado à internet e a inexistência de ambientes domésticos apropriados para o estudo impactaram diretamente a participação dos alunos nas atividades propostas, resultando em atrasos na aprendizagem e aumento das desigualdades educacionais.

Além dos impactos sobre os estudantes, o ensino remoto emergencial também alterou significativamente o trabalho docente. Professores e professoras precisaram reorganizar suas práticas pedagógicas em meio à sobrecarga de trabalho, à falta de formação específica para o uso das tecnologias educacionais e à precarização das condições de trabalho. Esse contexto revelou contradições do ensino remoto emergencial: ao mesmo tempo em que se apresentou como possibilidade de continuidade do ensino, evidenciou limites estruturais e institucionais da escola pública.

Dessa forma, compreender os impactos da pandemia da Covid-19 na educação básica implica analisar o ensino remoto emergencial para além de sua dimensão operacional, considerando suas relações com as desigualdades educacionais e sociais. No contexto da escola pública, essas desigualdades tornaram-se mais visíveis no período pandêmico e seguem produzindo efeitos no pós-pandemia, configurando desafios centrais para a garantia do direito à educação e para a reconstrução das práticas pedagógicas.

2. Colégio Campos Brasil em Araguaína/TO: Território, periferia e contexto escolar

Em diálogo com a discussão apresentada na seção anterior, que evidenciou como a pandemia da Covid-19 aprofundou desigualdades educacionais historicamente presentes na educação básica, nesse momento buscamos analisar o território no qual o Colégio Estadual Campos Brasil está inserido, considerando as relações entre espaço urbano, periferia e contexto escolar.

O município de Araguaína está localizado no norte do estado do Tocantins, a aproximadamente 380 quilômetros da capital, Palmas, configurando-se como um importante pólo regional de comércio, serviços e educação. Seu processo de crescimento urbano ocorreu de forma acelerada e desigual, produzindo contrastes significativos entre áreas centrais e bairros periféricos no que se refere ao acesso a políticas públicas, infraestrutura urbana e equipamentos sociais, como escolas, transporte coletivo e serviços de saúde.

A compreensão de periferia adotada neste trabalho dialoga com o pensamento de Milton Santos, para quem a periferia não deve ser entendida como espaço marginal ou secundário, mas como produto histórico e político da produção desigual do espaço urbano. Ao analisar a divisão do trabalho e da vida urbana, o autor afirma que:

A divisão do trabalho por cima é um campo de maior velocidade. Nela, a rigidez das normas econômicas (privadas e públicas) impede a política. Por baixo há maior dinamismo intrínseco, maior movimento espontâneo, mais encontros gratuitos, maior complexidade, mais riqueza (a riqueza e o movimento dos homens lentos), mais combinações. Produz-se uma nova centralidade do social, segundo a fórmula sugerida por Ana Clara Torres Ribeiro, o que constitui, também, uma nova base para a afirmação do reino da política (SANTOS, 2008, p. 146-147).

A partir dessa abordagem, a periferia urbana passa a ser compreendida como um espaço de produção social e política, no qual as desigualdades estruturais se expressam de forma intensa, mas onde também emergem práticas de sociabilidade, resistência e construção coletiva. É nesse cenário que se inserem muitas escolas públicas brasileiras, que assumem papel central na garantia do direito à educação, ainda que enfrentem limites impostos pelas condições socioespaciais desiguais.

O Colégio Estadual Campos Brasil está localizado no bairro de Fátima, área periférica do município de Araguaína. A escola situa-se a cerca de oito quilômetros do terminal rodoviário da cidade e distante do principal centro comercial, o que influencia diretamente as

condições de acesso e permanência dos estudantes, especialmente daqueles que dependem do transporte público ou se deslocam diariamente de bairros mais afastados e da zona rural.

Inserida nesse território urbano periférico, a instituição atende estudantes oriundos de bairros próximos, assentamentos e da zona rural, desempenhando um papel fundamental na garantia do acesso à educação pública. A imagem a seguir ilustra a fachada do colégio, evidenciando sua inserção no espaço urbano de Araguaína.

Imagem 01: Fachada do Colégio Campos Brasil, em Araguaína/TO



Fonte: Instagram oficial do Colégio Campos Brasil (@ce_camposbrasil), 2020.

O Colégio Estadual Campos Brasil oferta ensino nos níveis Fundamental e Médio, nos turnos matutino, vespertino e noturno, assumindo uma função estratégica na formação educacional, social e cidadã de estudantes provenientes de contextos socioeconômicos diversos, majoritariamente marcados por situações de vulnerabilidade social.

A inserção territorial da escola reforça sua função enquanto espaço de garantia do direito à educação para sujeitos que vivem em contextos socioeconômicos desiguais. Nesse sentido, a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 estabelece, em seu artigo 205, que a educação é “direito de todos e dever do Estado e da família”, devendo ser promovida

com vistas ao pleno desenvolvimento da pessoa, ao preparo para o exercício da cidadania e à qualificação para o trabalho. O artigo 206 complementa esse entendimento ao assegurar princípios como a igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola e a garantia de padrão de qualidade.

Esses dispositivos constitucionais fundamentam o papel social do Colégio Estadual Campos Brasil enquanto instituição pública de ensino, especialmente no contexto de reorganização escolar no período pós-pandêmico. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reafirma esse compromisso ao defender uma educação integral, orientada para o desenvolvimento de competências cognitivas, sociais, emocionais e culturais.

Entretanto, conforme indicam as narrativas docentes, a concretização desses princípios enfrenta limites estruturais e pedagógicos, agravados pela pandemia da Covid-19. Antes mesmo desse período, a escola já enfrentava desafios como dificuldades no processo de aprendizagem, limitações de recursos materiais, rotatividade docente e baixa participação familiar. A pandemia intensificou essas fragilidades, ampliando desigualdades educacionais e impondo novas demandas à instituição escolar, tanto no âmbito pedagógico quanto nos âmbitos social e emocional.

Diante desse cenário, torna-se necessário analisar de que maneira a comunidade escolar reorganizou suas práticas pedagógicas durante o ensino remoto emergencial e, posteriormente, no retorno às aulas presenciais. Assim, o próximo tópico dedica-se à análise das práticas pedagógicas desenvolvidas no Colégio Estadual Campos Brasil no contexto pandêmico e pós-pandêmico, a partir das experiências e narrativas de professores e estudantes.

3. Práticas Pedagógicas no contexto Pandêmico e Pós-Pandemia

Esta investigação adota uma abordagem qualitativa, por buscar compreender percepções, experiências e práticas pedagógicas construídas no contexto escolar durante e após a pandemia da Covid-19, descrevendo suas características, limites e transformações. A abordagem qualitativa possibilita interpretar os significados atribuídos pelos sujeitos às suas próprias vivências no cotidiano escolar, sem a pretensão de quantificar ou generalizar os resultados, permitindo uma análise aprofundada dos fenômenos educacionais em sua complexidade.

Conforme destacam Aguiar e Tourinho (2011), apoiadas em Bogdan e Biklen (1994), na pesquisa qualitativa os dados são ricos em descrições de pessoas, espaços, interações e discursos, sendo produzidos em contextos naturais, sem a necessidade de testagem de hipóteses

ou mensuração de variáveis. Essa perspectiva metodológica favorece a apreensão das múltiplas dimensões que atravessam o processo educativo, especialmente em um contexto marcado por profundas rupturas, como o período pandêmico.

Dessa forma, a pesquisa busca compreender não apenas o que ocorreu no espaço escolar, mas como professores e estudantes significaram suas experiências diante das mudanças impostas pelo ensino remoto emergencial e pelo retorno às aulas presenciais, reconhecendo que os impactos da pandemia ultrapassaram dimensões estritamente pedagógicas e envolveram aspectos sociais, emocionais e institucionais.

A pandemia da Covid-19 provocou uma ruptura significativa nas práticas pedagógicas do Colégio Estadual Campos Brasil, especialmente em decorrência da suspensão das aulas presenciais e da adoção do ensino remoto emergencial. Diferente da educação a distância, essa modalidade caracterizou-se por sua implementação abrupta, sem planejamento prévio, formação adequada dos professores ou infraestrutura tecnológica suficiente, sendo adotada como medida emergencial para garantir a continuidade das atividades escolares.

O método utilizado é o estudo de caso, escolhido por possibilitar a análise detalhada de uma realidade específica do Colégio Estadual Campos Brasil, no período de 2021 a 2025. O estudo de caso favorece a compreensão da realidade investigada em seu contexto próprio, permitindo observar como as práticas pedagógicas se organizam diante dos desafios e mudanças impostas pelo período pandêmico e pós-pandêmico. Essa compreensão situada dialoga com a perspectiva de Robert E. Stake, uma vez que:

Quando os pesquisadores antecipam a linguagem a ser usada em seus relatórios finais, ela influencia o que observam e o que pensam passa a ser importante. Orienta a pesquisa em direção às perspectivas e as experiências de suas audiências. Assim, “naturalista” refere-se tanto ao sujeito que está sendo estudado como à maneira pela qual o pesquisador se comporta. (STAKE, 1983, p. 6).

A partir dessa concepção, o estudo de caso permite apreender a complexidade do cotidiano escolar, considerando as múltiplas dimensões, pedagógica, social, institucional e emocional que dificultam o trabalho docente e as experiências dos estudantes no contexto pandêmico e pós-pandêmico. Assim, a escolha desse método se justifica por possibilitar uma análise aprofundada das práticas pedagógicas em sua materialidade, respeitando os limites e as particularidades do contexto investigado.

No que se refere aos procedimentos de aferição e análise dos dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com quatro profissionais do Colégio Estadual Campos Brasil:

Heden Leite Sobrinho, 40 anos, professor de Matemática; Maria dos Santos Barros Damasceno, 38 anos, professora de Geografia; e Maria Zilma Gabino Lima, 50 anos, pedagoga e professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE). As entrevistas tiveram como objetivo compreender as percepções docentes acerca do ensino remoto emergencial, das condições de trabalho e dos desafios enfrentados no acompanhamento da aprendizagem dos estudantes durante e após o período pandêmico.

Além disso, foi realizado um grupo focal com três estudantes que, no momento da pesquisa, cursavam o segundo ano do Ensino Médio e que vivenciaram parte significativa do Ensino Fundamental em contexto pandêmico. Em 2020, esses estudantes cursaram o 6º ano do Ensino Fundamental, período marcado pela adoção do ensino remoto emergencial, de forma fragmentada e atravessada por inúmeras limitações pedagógicas e estruturais. Já em 2021, quando estavam matriculados no 7º ano, vivenciaram um retorno gradativo às aulas presenciais, iniciado em 08 de fevereiro, ainda sob a lógica do ensino semi-presencial, em razão da ausência de vacinação ampla naquele momento, que só se efetivaria no segundo semestre do ano.

Atualmente, no segundo ano do Ensino Médio, esses estudantes carregam as marcas de um processo formativo profundamente impactado pela pandemia, especialmente em um momento fundamental de sua escolarização. Ao longo do texto, são identificados como Estudante 1, Estudante 2 e Estudante 3, como forma de preservar suas identidades, considerando que se tratam de sujeitos menores de idade. A realização do grupo focal teve como objetivo compreender, a partir do diálogo coletivo, como esses estudantes significaram as experiências vividas no ensino remoto e semipresencial, bem como os efeitos desse atravessamento pedagógico em suas trajetórias escolares e na percepção do retorno às aulas presenciais no período pós-pandêmico.

O grupo focal, segundo Gatti (2005), é uma técnica de pesquisa qualitativa que reúne sujeitos que compartilham determinadas características para discutir um tema específico, possibilitando compreender percepções, sentimentos, atitudes e práticas construídas no interior das interações. diferente de uma entrevista coletiva, essa técnica valoriza a dinâmica das trocas entre os participantes, permitindo obter consensos, divergências e contradições que surgem no diálogo.

A utilização das entrevistas e do grupo focal dialoga com os fundamentos da História Oral, compreendida não apenas como técnica de coleta de dados, mas como um campo metodológico que valoriza a memória, a subjetividade e os sentidos atribuídos pelos sujeitos às suas experiências. Nesse sentido, Alessandro Portelli ressalta que a especificidade da História Oral não está apenas na veracidade dos relatos, mas na forma como os sujeitos narram

suas vivências, atribuindo significados ao vivido, uma vez que, “a primeira coisa que torna a história oral diferente, portanto, é aquela que nos conta menos sobre eventos que sobre significados”, ressaltando que o elemento distintivo das fontes orais é justamente “a subjetividade do expositor” (PORTELLI, 1997, p. 31).

Contudo, as entrevistas e o grupo focal não são utilizadas como procedimentos próprios da História Oral, mas como estratégias de pesquisa qualitativa, especialmente no que se refere à valorização da experiência, da subjetividade e dos sentidos atribuídos pelos sujeitos às vivências escolares. O grupo focal, em particular, não se caracteriza como instrumento da História Oral, tratando-se de uma técnica de pesquisa qualitativa voltada para a escuta e o diálogo coletivo, permitindo compreender percepções, consensos, divergências e contradições construídas na interação entre os participantes.

No contexto da pandemia da Covid-19, os estudantes vivenciaram um processo de fragmentação das relações escolares, marcadas pelo isolamento, pela ausência do convívio cotidiano e pela mediação pedagógica fragilizada. Nesse sentido, a escolha do grupo focal também se constituiu como uma estratégia metodológica de reunião desses sujeitos, criando um espaço de encontro, diálogo e compartilhamento de experiências, com o objetivo de compreender como esse atravessamento pedagógico foi vivido coletivamente. Assim, o grupo focal possibilitou apreender não trajetórias individuais, mas experiências comuns e significados compartilhados acerca do ensino remoto emergencial e do retorno às aulas presenciais, sem a pretensão de produzir narrativas históricas em sentido estrito.

Os relatos evidenciam que a adoção do ensino remoto ocorreu de forma abrupta, sem planejamento prévio, formação adequada ou infraestrutura tecnológica suficiente, diferindo substancialmente da educação a distância. A professora Maria dos Santos Barros Damasceno relata que:

“A gente não tinha o retorno que a gente esperava ter, às vezes o aluno não mandava, não respondia, fazia pela metade, muitos entregavam o roteiro assim sujo, rasgado” (DAMASCENO, 2025).

Essa narrativa evidencia a fragilização da mediação pedagógica, uma vez que o envio de atividades impressas não garante a compreensão dos conteúdos nem possibilita intervenções pedagógicas diante das dificuldades apresentadas pelos estudantes.

Nesse cenário, a prática docente aproximou-se de uma lógica instrumental, marcada pela transmissão de tarefas, em detrimento da mediação ativa do conhecimento. Tal realidade

dialoga com as reflexões de José Carlos Libâneo (1987), ao afirmar que a didática não se reduz à aplicação de exercícios, mas se constitui como mediação entre o conhecimento sistematizado e os estudantes. Quando essa mediação se fragiliza, o ensino tende a assumir um caráter reprodutivista, esvaziando o papel formativo da escola.

As desigualdades educacionais também se manifestaram de forma acentuada no acesso às tecnologias digitais. Conforme relata o professor Heden Leite Sobrinho:

“A gente não conseguia devido à nossa realidade de alguns alunos não terem nem celular, ter que usar celular emprestado de pai e mãe, ou, às vezes, ter o celular e não conseguir uma internet de qualidade” (SOBRINHO, 2025).

Essas condições aprofundaram desigualdades já existentes, inviabilizando a participação ativa dos estudantes e contradizendo princípios da Base Nacional Comum Curricular, como equidade, protagonismo juvenil e educação integral.

O relato evidencia que a ausência de condições materiais inviabilizou a participação efetiva dos estudantes no ensino remoto, aprofundando desigualdades já existentes no processo de escolarização e contrariando princípios como equidade e protagonismo estudantil previstos na Base Nacional Comum Curricular.

As entrevistas realizadas com os docentes revelam que o período pandêmico foi marcado pela intensificação do trabalho pedagógico e pela ampliação das responsabilidades atribuídas aos professores. Para além da elaboração de atividades, os docentes passaram a lidar com demandas emocionais dos estudantes, dificuldades de comunicação e adaptação constante às mudanças impostas pelo contexto emergencial.

As reflexões de José Carlos Libâneo, especialmente na obra *"Adeus professor, adeus professora?"*, contribuem para a compreensão desse cenário ao evidenciar que as novas exigências educacionais ampliam significativamente as responsabilidades docentes, extrapolando o trabalho pedagógico propriamente dito. Para Libâneo (2012), a ampliação das demandas, sem o devido suporte estrutural, resulta na intensificação do trabalho, na sobrecarga emocional e na precarização da profissão, configurando um processo de responsabilização individual do professor diante de problemas de natureza estrutural e institucional.

As narrativas docentes também revelam a intensificação do trabalho e a sobrecarga emocional vivenciadas durante o período pandêmico. Conforme analisa Libâneo (2012), a ampliação das demandas atribuídas aos professores, sem o correspondente suporte

institucional, resulta na precarização da profissão e na responsabilização individual do docente por problemas de ordem estrutural.

Imagem 02: Prática pedagógica presencial com turma do Ensino Médio no contexto pós-pandemia



Fonte: Instagram oficial do Colégio Campos Brasil (@ce_camposbrasil), 2024.

Em relação ao Atendimento Educacional Especializado (AEE), a professora Maria Zilma Gabino Lima destaca a resistência de parte do corpo docente em relação à adaptação curricular, afirmando que:

“Quando se falava em adaptação curricular, havia resistência por parte de alguns professores, que alegavam não ter formação para trabalhar com estudantes com deficiência e, por isso, se negavam a realizar ou encaminhar as adaptações necessárias” (LIMA, 2025).

Essa narrativa evidencia que as barreiras pedagógicas e atitudinais também contribuíram para a intensificação das desigualdades educacionais durante o período pandêmico.

À luz da pedagogia histórico-crítica, Saviani (2011) ressalta que a escola existe para garantir o acesso ao saber elaborado, por meio de um trabalho pedagógico intencional. A fragilização dessa mediação durante o ensino remoto comprometeu uma das funções centrais da instituição escolar, exigindo, no retorno às aulas presenciais, um esforço coletivo para recompor os vínculos pedagógicos e assegurar condições mínimas para a aprendizagem.

Para o autor, a especificidade da instituição escolar reside justamente no trabalho pedagógico intencional, pois é nesse espaço que se realiza a mediação entre o saber socialmente produzido e o estudante. A ruptura dos vínculos pedagógicos durante o ensino remoto emergencial comprometeu essa função essencial da escola, exigindo, no retorno ao ensino presencial, um esforço coletivo de reconstrução dos vínculos afetivos, cognitivos e pedagógicos como condição necessária para a retomada da aprendizagem e para a reafirmação do papel social da escola.

Nesse contexto, o retorno às aulas presenciais é narrado por professores e estudantes como um processo complexo de reconstrução dos vínculos pedagógicos, afetivos e sociais fragilizados durante o período de distanciamento. As entrevistas e os grupos focais evidenciam que os impactos da pandemia extrapolaram o campo estritamente pedagógico, afetando diretamente as dimensões emocional e relacional da experiência escolar.

Optou-se pela não identificação nominal dos estudantes, utilizando-se as designações **Estudante 1**, **Estudante 2** e **Estudante 3**, como forma de preservar suas identidades, uma vez que se trata de sujeitos menores de idade. Diferentemente de entrevistas individuais, o grupo focal permitiu recriar um espaço coletivo de diálogo entre estudantes que, durante a pandemia, vivenciaram o processo educativo de forma fragmentada e marcada pelo isolamento. Essa estratégia buscou reuni-los simbolicamente, possibilitando compreender como esse atravessamento pedagógico foi vivido, significado e reelaborado no retorno ao ensino presencial.

As falas dos estudantes revelam insegurança, dificuldades de aprendizagem e fragilização dos vínculos pedagógicos durante o ensino remoto. O **Estudante 1** afirma que “*a gente acabava ficando um pouco com vergonha, com medo de mandar mensagem, o professor não responder, a gente ultrapassar os horários do professor*” (Grupo focal, 2025). Já o **Estudante 2** destaca que “*o ensino caiu muito, porque não tinha o professor ali explicando a matéria pra gente*” (Grupo focal, 2025).

Esses relatos evidenciam que a ausência da mediação docente presencial compromete de forma significativa os processos de aprendizagem, produzindo lacunas cognitivas que se tornaram mais perceptíveis no retorno às aulas presenciais. Tais lacunas manifestaram-se, sobretudo, em dificuldades relacionadas à concentração, à compreensão dos conteúdos e à segurança dos estudantes em relação ao próprio processo de aprendizagem.

Para Lev Vygotsky, a mediação docente constitui elemento central no desenvolvimento das funções psicológicas superiores, uma vez que é por meio da interação social intencionalmente orientada que os estudantes se apropriam dos conhecimentos escolares. Para o autor,

Todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e depois, no nível individual; primeiro, entre as pessoas (interpsicológica), e depois, no interior da criança (intrapsicológica). O aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer. (VIGOTSKI, 1991, p. 64; p. 101).

Nesse sentido, os relatos dos estudantes acerca da sensação de esquecimento dos conteúdos trabalhados por meio dos roteiros, das dificuldades de concentração, da agitação e dos problemas de adaptação à rotina escolar indicam os efeitos da fragilização dessa mediação no contexto do ensino remoto emergencial. As falas revelam, portanto, lacunas cognitivas acumuladas ao longo do período pandêmico, associadas não apenas à ausência das aulas presenciais, mas também à descontinuidade das interações pedagógicas sistematizadas que sustentam o processo de aprendizagem.

As reflexões de bell hooks (2017) e Paulo Freire (1996) oferecem importantes contribuições para compreender as transformações das práticas pedagógicas no período pós-pandêmico. Para hooks, em *Ensinando Comunidade*, a educação como prática da liberdade exige participação ativa, pertencimento e vínculo, pois o processo educativo se constrói de forma coletiva, e a experiência de envolvimento e reconhecimento favorece aprendizagens significativas. A autora também destaca a esperança como elemento central para a reconstrução dos vínculos em contextos de crise, uma vez que é por meio dela que se reafirma o compromisso coletivo com a transformação social e a construção de comunidades educativas marcadas pelo pertencimento.

Essa perspectiva dialoga com Paulo Freire, especialmente em *Pedagogia da Autonomia* (1996), ao afirmar que “não há docência sem discência” (FREIRE, 1996, p. 25), ressaltando que o processo educativo se constrói na relação entre professores e estudantes. A interrupção dessa relação dialógica durante o ensino remoto comprometeu a aprendizagem e fragilizou o

sentido da escola enquanto espaço de troca e construção coletiva do conhecimento, uma vez que, para Freire, ensinar exige diálogo, escuta e compromisso ético com o outro.

Os estudantes relatam que a escola buscou reconstruir esses vínculos por meio de estratégias de acolhimento. Um deles recorda que “*quando a gente voltou, teve aquela semana zero, com atividades para reconexão, aluno e professor*” (Grupo focal, **Estudante 1**, 2025), indicando que o retorno às aulas presenciais foi planejado não apenas para a retomada dos conteúdos, mas também para a reconstrução das relações escolares. Outro estudante destaca a importância da disciplina Projeto de Vida, ao afirmar que “*essa matéria ajudou muito nessa época, a gente tinha rodas de conversa, a gente conversava, se reconectar com os professores*” (Grupo focal, **Estudante 3**, 2025). Essas falas revelam que os espaços de escuta e diálogo se configuraram como estratégias pedagógicas fundamentais para o enfrentamento das demandas emocionais do período.

Nesse sentido, os relatos evidenciam esforços institucionais voltados à reconstrução do vínculo pedagógico como condição para a retomada do processo de ensino e aprendizagem, reafirmando a escola como espaço de acolhimento, mediação e formação integral dos sujeitos. No retorno às aulas presenciais, a escola também promoveu momentos coletivos de acolhimento e orientação, sendo a quadra escolar um dos espaços frequentemente utilizados para essas atividades.

Imagem 03: Momento formativo com o estudante participante do Programa Jovens Embaixadores, edição 2024



Fonte: Instagram oficial do Colégio Campos Brasil (@ce_camposbrasil), 2024.

Entretanto, as falas também revelam que as marcas desse período permanecem. Os estudantes apontam aumento da ansiedade, dificuldades de concentração e perda da base dos conteúdos do Ensino Fundamental, o que compromete a aprendizagem no Ensino Médio. Um dos participantes afirma que “*o ensino caiu muito, sem o professor ali explicando a matéria*” (Grupo focal, **Estudante 2**, 2025), evidenciando a ruptura no processo de escolarização. Outro estudante reforça essa compreensão ao relatar que “*a questão básica nós perdemos, a gente está no segundo ano, e quando vai fazer um vestibular, uma prova do ENEM, a gente sente dificuldade muito grande*” (Grupo focal, **Estudante 1**, 2025), indicando que essas lacunas extrapolam o espaço da sala de aula e impactam diretamente a continuidade dos estudos.

Os dados analisados indicam que os efeitos da pandemia não se encerraram com o retorno ao ensino presencial, mas continuam interferindo no percurso escolar dos estudantes, exigindo da escola ações pedagógicas que considerem a recomposição das aprendizagens básicas como parte central do processo educativo. As narrativas de professores e estudantes revelam que a fragilização da mediação pedagógica, as desigualdades no acesso às tecnologias e a sobrecarga do trabalho docente intensificaram lacunas formativas e emocionais, cujos efeitos ainda se fazem presentes no cotidiano escolar.

A partir das contribuições de Saviani, Libâneo, Paulo Freire e bell hooks, compreende-se que a reconstrução dos vínculos pedagógicos e afetivos constitui uma dimensão central do trabalho educativo no período pós-pandêmico. Mais do que a simples retomada dos conteúdos, impõe-se à escola o desafio de recriar condições de pertencimento, diálogo, escuta e esperança, reafirmando seu papel social como espaço de mediação do saber elaborado, de enfrentamento das desigualdades e de promoção da formação humana integral dos estudantes.

Dessa forma, a análise das práticas pedagógicas desenvolvidas no Colégio Estadual Campos Brasil no período de 2021 a 2025 evidencia que o processo de reconstrução escolar no pós-pandemia extrapolou a simples retomada das atividades presenciais, configurando-se como um movimento complexo de recomposição das aprendizagens, dos vínculos pedagógicos e das relações afetivas no espaço escolar. As estratégias adotadas pela instituição, bem como as percepções de professores e estudantes, revelam que a pandemia aprofundou desigualdades educacionais e fragilizou a mediação pedagógica, exigindo respostas institucionais que articulassem acolhimento, escuta, reorganização curricular e práticas pedagógicas sensíveis às dimensões cognitivas e emocionais da experiência educativa.

Nesse sentido, o estudo de caso demonstra que a reconstrução escolar se constitui como um processo histórico e socialmente situado, marcado por tensões, limites e possibilidades, no

qual a escola pública reafirma seu papel como espaço de mediação do saber, de enfrentamento das desigualdades e de formação humana integral, especialmente em contextos atravessados por crises estruturais como a vivenciada durante e após a pandemia da Covid-19.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar as práticas pedagógicas desenvolvidas no Colégio Estadual Campos Brasil no contexto pós-pandemia, buscando compreender os impactos do ensino remoto emergencial no processo de aprendizagem, na organização do trabalho docente e na reconstrução dos vínculos pedagógicos no retorno às aulas presenciais. A partir das entrevistas docentes, dos grupos focais com estudantes e da observação do cotidiano escolar, permitiu alcançar esse objetivo ao evidenciar que os efeitos da pandemia permanecem presentes no cotidiano escolar, exigindo respostas pedagógicas na retomada dos conteúdos curriculares.

Os dados evidenciaram que o ensino remoto emergencial aprofundou desigualdades já existentes, especialmente no que se refere ao acesso às tecnologias digitais, às condições de acompanhamento pedagógico, comprometendo a mediação do conhecimento e a interação entre professores e estudantes. As lacunas de aprendizagem identificadas, sobretudo nos conteúdos básicos, assim como o aumento de dificuldades emocionais relatadas pelos estudantes, demonstram que a interrupção das aulas presenciais produziu impactos duradouros no percurso escolar, particularmente no Ensino Médio. Ao mesmo tempo, as narrativas docentes revelaram a intensificação do trabalho, a sobrecarga emocional e a responsabilização individual do professor frente a problemas de ordem estrutural, reforçando os limites do ensino remoto enquanto estratégia de garantia do direito à educação.

No retorno às atividades presenciais, a escola passou a vivenciar um processo complexo de reconstrução, que ultrapassa a simples retomada dos conteúdos curriculares. As práticas de acolhimento, os espaços de escuta, as atividades coletivas e as estratégias de recomposição das aprendizagens demonstram esforços institucionais voltados à reconstrução dos vínculos pedagógicos e afetivos, compreendidos como condição fundamental para a retomada do processo educativo. No entanto, as falas dos estudantes indicam que sentimentos como ansiedade, insegurança e dificuldades de concentração ainda permanecem, evidenciando que a reconstrução escolar é um processo.

Dessa forma, passa a ser necessário pensar a reconstrução escolar no contexto pós-pandêmico de forma ampliada, considerando a recomposição das aprendizagens básicas, o

fortalecimento dos vínculos pedagógicos, a valorização do trabalho docente e a garantia de políticas públicas que assegurem condições reais de permanência e aprendizagem. Especialmente em contextos periféricos, a escola pública reafirma-se como espaço central de mediação do conhecimento, acolhimento e formação humana, sendo fundamental que as experiências e aprendizados produzidos nesse período contribuam para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas e socialmente comprometidas.

FONTES CONSULTADAS

Entrevistas com docentes – entrevistas semiestruturadas, gravadas:

Entrevista com a Professora, Heden Leite Sobrinho (Ensino Médio, Matemática), realizada no dia 27 de novembro de 2026, nas dependências do Colégio Campos Brasil, em Araguaína/TO.

Entrevista com a Professora, Maria dos Santos Barros Damasceno (Ensino médio, Geografia), realizada no dia 20 de novembro, de forma remota, por meio da plataforma Google Meet, em Araguaína/TO.

Entrevista com a Professora , Maria Zilma Gabino Lima (Pedagoga e professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE), realizada no dia 08 de novembro, de forma remota, por meio da plataforma Google Meet, em Araguaína/TO.

Grupos focais com estudantes – encontros coletivos, gravados:

Grupo focal com estudantes do Ensino Médio, realizado em 27 de novembro de 2026, nas dependências do Colégio Campos Brasil, em Araguaína/TO.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; TOURINHO, Emmanuel Zagury. **Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e procedimentos**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2011.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP nº 5, de 28 de abril de 2020**. Dispõe sobre a reorganização do calendário escolar e a possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual. *Diário Oficial da União*: Brasília, DF, 1º jun. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CP nº 2, de 10 de dezembro de 2020**. Institui diretrizes nacionais orientadoras para a implementação dos calendários escolares e a reorganização das atividades pedagógicas no contexto da pandemia da Covid-19. *Diário Oficial da União*: Brasília, DF, 11 dez. 2020.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Brasília, DF: Conselho Nacional de Saúde, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. Tradução de Maria Isabel Guedes. São Paulo: Elefante, 2017.

_____. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança**. Tradução de Maria Isabel Guedes. São Paulo: Elefante, 2017.

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Resumo Técnico: Censo da Educação Básica 2021**. Brasília: Inep, 2022.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1987.

_____. **Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente.** 13. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PORTELLI, Alessandro. **A morte de Luigi Trastulli e outros ensaios: forma e significado na história oral.** Tradução de Maria Therezinha Janine Ribeiro. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** 17. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações.** 11. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

SILVA, Ana Carolinne Martins; OLIVEIRA, Gislene Lisboa; QUIROGA, Fernando Lionel. **O ensino remoto emergencial no contexto da pandemia e a intensificação das desigualdades.** Revista Ciências & Ideias ISSN: 2176-1477, p. 185-197, 2022.

STAKE, Robert E. **The case study method in social inquiry.** In: DENZIN, Norman K. (org.). *Sociological methods.* New York: McGraw-Hill, 1983. p. 401–420.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ANEXOS

1) TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE):

UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓIA
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA

Avenida Paraguai, s/nº, esquina com Rua Uxiramas, Cimba | 77824-838
Fone: (63) 3416-5621 e-mail: historia@ufnt.edu.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1. Dados de identificação

Pesquisador(a) responsável (discente): Joelma Silva Santos

Orientador(a): Marina Grigorio Barbosa de Sousa

Nome do(a) participante:

Sexo: () Masc. () Fem. () Prefiro não informar

Endereço:

Data de nascimento:

RG ou CPF:

2. Sobre o projeto

O(a) Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “**Transformações nas práticas pedagógicas do colégio Estadual Campos Brasil e seu impacto na formação dos estudantes no pós-pandemia 2021-2025**”, desenvolvida no âmbito do **Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)**, sob orientação do(a) **Profª. Marina Grigorio Barbosa de Sousa**.

A presente pesquisa tem como objetivo **analisar as práticas pedagógicas e reconstrução escolar no pós-pandemia o caso do Colégio Campos Brasil 2021-2025**. Busca compreender como as mudanças ocorridas durante e após a pandemia de COVID-19 influenciaram o processo de ensino e aprendizagem, bem como as relações entre professores, estudantes e a comunidade escolar.

A coleta de informações será realizada por meio de entrevistas semiestruturadas e observações de campo, podendo incluir o uso de anotações, gravações de áudio/vídeo, fotografias, anotações, formulários. Os dados obtidos serão utilizados **exclusivamente para fins acadêmicos**, compondo a pesquisa de conclusão de curso e eventuais publicações científicas decorrentes, **com garantia de anonimato e confidencialidade** dos(as) participantes.

3. Garantias ao(à) participante

Por meio deste Termo, são assegurados ao(à) participante os seguintes direitos:

1. Solicitar, a qualquer momento, esclarecimentos sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa;
2. Recusar-se a responder a qualquer pergunta ou a fornecer informações que considere desconfortáveis ou prejudiciais;
3. Pedir que determinadas falas, imagens ou informações não sejam incluídas em publicações, gravações ou documentos oficiais;
4. Retirar seu consentimento e desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem qualquer prejuízo;
5. Ter acesso ao conteúdo de sua entrevista (ou outro registro) antes de seu uso público, podendo solicitar correções ou exclusões;
6. Ser informado(a) sobre os resultados e o destino dos dados coletados após a conclusão da pesquisa.

A participação é **voluntária**, não gerando custos nem qualquer tipo de remuneração. O material coletado será tratado com **sigilo, ética e respeito**, conforme as diretrizes de pesquisa com seres humanos previstas nas normas da UFNT e na Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

4. Declaração de consentimento

Declaro que **li e compreendi** as informações acima e **concordo voluntariamente** em participar da pesquisa descrita. Estou ciente de que posso retirar meu consentimento a qualquer momento e que receberei uma via deste Termo assinada pelo(a) pesquisador(a) responsável.

Araguaína, ____ de _____ de 2025.

Assinatura do(a) Participante

Assinatura do(a) Responsável

Assinatura do(a) Pesquisador(a)

Assinatura do(a) Orientador(a)

2) ESTRUTURA DE PERGUNTAS NORTEADORAS COM OS(AS) ENTREVISTADOS(AS):

Roteiro prévio feito com os(as) Docentes:

- 1- Qual seu nome completo e sua idade?
- 2- Pode nos contar um pouco sobre a sua trajetória profissional até chegar à Escola Campos Brasil?
- 3- Durante o ensino remoto, quais estratégias pedagógicas você adotou para manter o vínculo com os alunos?
- 4- De que forma a escola buscou minimizar as desigualdades no acesso às aulas remotas?
- 5- Como a equipe gestora apoiou os docentes nesse processo de adaptação?
- 6- Na sua percepção, quais aprendizagens profissionais a pandemia trouxe para você enquanto docente?
- 7- Você notou impactos emocionais ou comportamentais nos estudantes? Como lidou com essas situações?
- 8- Como era a articulação entre professores, coordenação e direção no período de readaptação presencial?
- 9- Como as famílias participaram do processo de readaptação?
- 10- Quais ações da escola contribuem para fortalecer o bem-estar e a saúde mental da comunidade escolar?
- 11- Quais fatores você acredita que ainda dificultam o processo de ensino-aprendizagem e a inclusão dos estudantes atualmente?
- 12- Você considera que houve mudanças no papel social da escola após a pandemia? Como isso se manifestou no cotidiano escolar?

Roteiro prévio feito com o Grupo Focal:

- 1 - Para começar gostaria de saber o nome e idade de vocês?

- 2 - Em poucas palavras, como foi para vocês o ensino remoto?
- 3 - Como a escola trabalhou a reconstrução dos vínculos e o acolhimento dos estudantes após a pandemia?
- 4 - Quais ações contribuíram para reconstruir a confiança dos alunos na escola?
- 5 - O que vocês acreditam que ainda precisa ser reconstruído na escola?
- 6 - Existe algo importante que não falamos e que vocês gostariam de acrescentar?